

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES
ARTES VISUAIS**

CLEISON DARLEY FERNANDES ELIODORO

DESENHO PRESENTE

Belo Horizonte
2019

CLEISON DARLEY FERNANDES ELIODORO

DESENHO PRESENTE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Artes Visuais da Universidade
Federal de Minas Gerais como pré-requisito
para a obtenção de Título de Bacharel em
Artes Visuais - Habilitação em Desenho.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Borges Coelho

Belo Horizonte
2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao caríssimo professor Rodrigo Borges Coelho, pela paciência e por ter sido fundamental para a concretização deste trabalho.

Agradeço aos professores que compõem minha banca, Camila Moreira e Eugênio Pacelli, por terem aceitado fazer parte dessa etapa tão importante para o meu desenvolvimento como artista.

Agradeço aos criadores das rádio “*lofi hip hop radio - beats to relax/study to*” e “*Live Stream - Japanese / Lo Fi / Study / Relax Music | 24x7 Stream*”, por fornecerem 24 horas de música boa. Ajudou muito enquanto eu escrevia este trabalho.

Gostaria também de agradecer a minha irmã, Gizele. Se não fosse por ela, ai, ai, ai... Eu teria trancado logo o primeiro semestre, ou pior, teria sido reprovado em cinco disciplinas.

Em especial, gostaria de agradecer aos meus pais, por sempre terem me incentivado, dando suporte, amor e carinho. Muito obrigado!

RESUMO

A pesquisa aqui apresentada, “DESENHO PRESENTE”, propõe levantar algumas questões relacionadas ao uso do desenho como parte de outros meios. Para isso faço uma reflexão textual e visual, trago referências bibliográficas, e cito artistas, cujos trabalhos também transitam por diferentes linguagens e que foram referências durante o meu percurso. Meu objetivo aqui é buscar entender melhor a minha produção artística e o meu processo criativo.

Palavras-chave: Desenho. Escultura. Instalação. Infância

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Desenho de apresentação do projeto para “Cone Derrubado”, 1998 e Modelo de “Cone Derrubado”, 2000.....	15
Figura 2 - Dropped Cone, 2001 - Claes Oldenburg e Coosje van Bruggen.....	16
Figura 3 - El Barrio, 2004 - Aquarela.....	18
Figura 4 - El Barrio, 2007 - Papel cartão ondulado e velcro.....	18
Figura 5 - Caderno de processo fechado, 2018.....	21
Figura 6 - Uma página do caderno de processo, 2018.....	22
Figura 7 - Páginas do caderno de processo, 2018.....	23-24
Figura 8 - Páginas do caderno de processo, 2018.....	25-26
Figura 9 - Cartaz da exposição “... parece que nunca chega”, 2018.....	29
Figura 10 - Detalhe de “Chapeuzinhos”, 2018.....	39
Figura 11 - Montagem vista de longe, 2018.....	30
Figura 12 - Despachante, 2018 - Cleison Darley.....	31
Figura 13 - Funil sugador de sapiência (A), 2018 - Cleison Darley.....	33
Figura 14 - Funil sugador de sapiência (B), 2018 - Cleison Darley.....	34
Figura 15 - Um bom dia para usar o chapéu, 2018 - Cleison Darley.....	36
Figura 16 - Pernas do cone em processo, 2019.....	37
Figura 17 - Cone de pernas, 2019 - Cleison Darley.....	38
Figura 18 - Projeto de instalação “Passageiros”, 2019.....	38
Figura 19 - Manual para construir e transportar “Cone de Pernas”, 2019.....	40
Figura 20 - Desenhos de processo (esquerda) e passageiros, montada na EBA, 2019 (direita).....	41-42
Figura 21 - Detalhe da instalação “Passageiros” - Objeto e desenho, 2019.....	44-45

SUMÁRIO

ATÉ ONDE O DESENHO PODE NOS LEVAR?.....	8
1 MAS ANTES DE COMEÇAR, JÁ COMEÇANDO.....	11
1.1 Infância, rabiscos, brinquedos.....	11
1.2 Adolescência, jogos, computador.....	12
1.3 Universidade.....	12
2 ARTISTAS QUE (ENTRE OUTRAS MUITAS AÇÕES) DESENHAM.....	15
2.1 Claes Oldenburg.....	15
2.2 Los Carpinteros.....	18
3 DESENHO COMO MEIO.....	21
4 DESENHO PRESENTE.....	29
4.1 Chapeuzinhos.....	29
4.2 Passageiros.....	38
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS.....	50

ATÉ ONDE O DESENHO PODE NOS LEVAR?

O trabalho está dividido em cinco capítulos. No primeiro, faço uma breve apresentação,uento um pouco sobre o meu envolvimento inicial com o desenho e os motivos que me levaram a cursar Artes Visuais, além de identificar o assunto da pesquisa.

No capítulo seguinte, denominado “Artistas que desenham”, apresento algumas referências do campo artístico, entre elas, o americano Claes Oldenburg, e o coletivo nascido em Cuba - *Los Carpinteros*. Para melhor compreensão do leitor, este capítulo será dividido e organizado em subcapítulos que serão atribuídos a cada uma destas referências.

No terceiro capítulo, chamado “Desenho como meio”, baseio-me em diferentes autores com o objetivo de definir quais eram as funções primárias do desenho. Realizando uma reflexão sobre o seu uso como ferramenta de construção e como o mesmo se mostra um valioso aliado, principalmente em meus cadernos de estudo e planejamento de esculturas, pinturas e instalações.

“Desenho presente” é o título do quarto e penúltimo capítulo, nele irei abordar o desenho da forma como eu o percebo e utilizo. Aqui, dedico um espaço maior para apresentar a minha produção

artística e discutir um pouco mais sobre meu processo criativo.

Por fim, nas considerações finais, relato as experiências adquiridas ao longo desta exaustiva e prazerosa jornada em busca por respostas.





MAS ANTES DE COMEÇAR. JÁ COMEÇANDO

Antes de começar esta jornada, gostaria de me apresentar. Meu nome é Cleison Darley Fernandes Eliodoro e nasci em uma família de “criadores”. Uma mãe costureira, um pai paisagista, tios pintores — pintores de todos os tipos, desde os de parede e letreiros, até aqueles de quadros — um tio e um avô (que Deus o tenha) carpinteiros e várias outras tias, primas e primos, cada um com suas criações. Desde sempre, estive cercado de pessoas criativas e inspiradoras e, se hoje tenho um interesse pelas artes, com certeza, foi por influência delas.

II Infância, rabiscos,
brinquedos

Acredito que seja comum a prática do desenho durante a infância de uma pessoa; antes mesmo da linguagem escrita, o traço, o risco e o rabisco se apresentam de forma generosa e convidativa. Comigo não foi diferente.



O desenho constitui para a criança uma atividade total, englobando o conjunto de suas potencialidades e necessidades. Ao desenhar, a criança expressa a maneira pela qual se sente existir. O desenvolvimento do potencial criativo na criança, seja qual for o tipo de atividade em que ela se expresse, é essencial ao seu ciclo inato de crescimento. Similarmente, as condições para o seu pleno crescimento (emocional, psíquico, físico, cognitivo) não podem ser estáticas. (DERDYK, 1989, p. 52)

Além de uma forma de me expressar, gastar energia e passar o tempo, eu via no desenho uma ferramenta para criar coisas. Ele era capaz de surpreender, do seu jeito, desejos que eu tinha, como, por exemplo, de possuir certos objetos que via na TV. Apesar de nunca ter me faltado nada de essencial, lembro que nem sempre era possível ter todos aqueles jogos e brinquedos que marcavam os intervalos dos programas de televisão. Esse contexto fez com que o desenho se tornasse ainda mais importante para mim.

Me recordo de desenhar personagens, carros, aviões e naves espaciais; de criar histórias completas em apenas uma folha de papel e de prezar pelo movimento daquilo que

eu desenhava. Os anos foram se passando e o hábito de desenhar foi se tornando cada vez menos frequente, o período entre meus cinco e dez anos de idade foi de constante declínio. Em certo momento, a vontade de desenhar sumiu de vez.

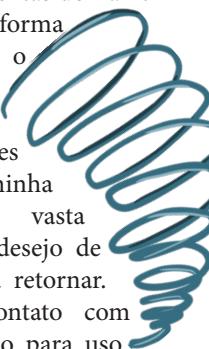
I2 Adolescência, jogos, computador

Entrando na adolescência, ganhei meu primeiro computador, uma máquina grande e pesada, com um monitor de tubo que ocupava todo o espaço da mesa. Naquela época, conectar-se à internet¹ era algo caro. Ou eu separava uma boa quantia todo mês para pagar uma assinatura que nem era tão boa, ou eu aguardava o final de semana chegar para poder conectar-me através da internet discada (que era pior ainda). No fim, eu ficava a maior parte do tempo offline, apenas explorando as funções e programas disponíveis na máquina. Um programa em particular imediatamente chamou minha atenção, o *Paint*¹.



Explorando as ferramentas do Paint aprendi uma outra forma de desenhar. Com o mouse, eu conseguia criar linhas, formas e preencher grandes espaços, tendo, à minha disposição, uma vasta seleção de cores. O desejo de desenhar começava a retornar.

Esse primeiro contato com programas de desenho para uso em computadores foi um marco importante, uma mola propulsora que me levou a percorrer novos caminhos do desenho e que, também, me levou a escolher o curso de Artes Visuais.



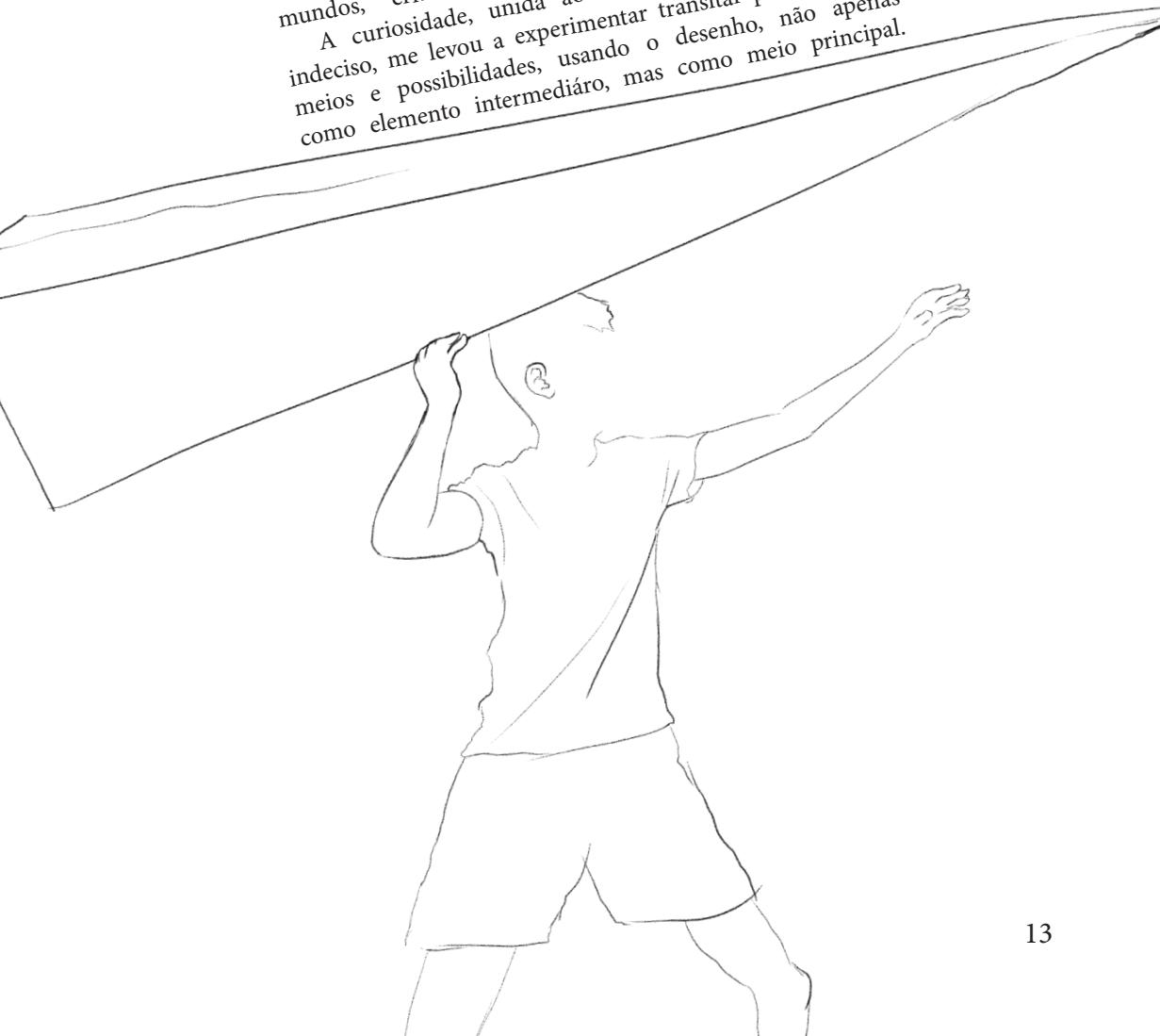
I3 Universidade

Dentro da universidade, fui bombardeado de informações. Tudo era novidade. Conheci técnicas e materiais que jamais imaginava existir, além de pessoas super interessantes. Na universidade, eu percebi o potencial da fotografia como forma de arte, e me apaixonei pela escultura, além de me aprofundar nas imensuráveis possibilidades oferecidas pelo desenho.

Retomando a pergunta que abre este capítulo, gosto de pensar em desenho como algo

maleável, que molda, cria, transforma, define, planeja, cobre, descobre, coloca, tira, captura e, sempre, com uma enorme capacidade de nos transportar a outros mundos, criando pontes e estabelecendo conexões.

A curiosidade, unida ao meu espírito aventureiro e indeciso, me levou a experimentar transitar por diferentes meios e possibilidades, usando o desenho, não apenas como elemento intermediário, mas como meio principal.



¹ Microsoft Paint é um programa de computador normalmente utilizado para criar imagens, ou para a edição rápida de fotos.



2

ARTISTAS QUE (ENTRE OUTRAS MUITAS AÇÕES) DESENHAM

Durante o percurso profissional de uma pessoa, independente da área de conhecimento, é comum a busca por referências que irão contribuir para o desenvolvimento do trabalho e também para o desenvolvimento do indivíduo, de modo a melhor prepará-lo para lidar com as questões do mundo. A seguir, apresento duas referências artísticas que foram selecionadas devido a relação delas entre desenho e escultura.

2| Claes Oldenburg

Claes Thure Oldenburg nasceu em Estocolmo, Suécia, no dia 28 de janeiro de 1929. Filho de um diplomata sueco, passou o início de sua vida em trânsito. Após morar nas cidades de Nova Iorque, Rye e Oslo, em 1936, sua família finalmente se estabelece em Chicago. Durante os anos de 1946 a 1950, Oldenburg estudou literatura e história da arte na Universidade de Yale. Posteriormente, começou a trabalhar como repórter aprendiz para o *City News Bureau of Chicago* e retomou os estudos, agora no Instituto de

Arte de Chicago. No ano de 1953, ele consegue se tornar cidadão americano e, três anos depois, vai morar na cidade de Nova Iorque.

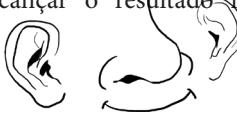
Oldenburg é um artista com uma vasta quantidade de trabalhos, associado ao movimento Pop Art e conhecido por suas esculturas de grande escala. Sua produção aborda uma temática popular e traz, de forma irônica e muitas vezes divertida, críticas ao consumismo exagerado que é característico da sociedade contemporânea.

A descoberta deste artista sueco foi uma surpresa. Suas instalações, de proporções monumentais, são imponentes e causam um certo estranhamento, algo que me deixou com vontade de saber mais sobre o processo, e também sobre a relação do artista com os objetos abordados em seus trabalhos. Oldenburg afirma:

O que eu quero fazer é criar um objeto independente, que exista fora, tanto do mundo real como o conhecemos, mas também do mundo da arte. É uma coisa independente que possui seu próprio poder, apenas para permanecer ali como algo misterioso. Eu não quero prejudicar a imaginação. Eu quero que a imaginação faça o que ela queira fazer daquilo, mas o objeto

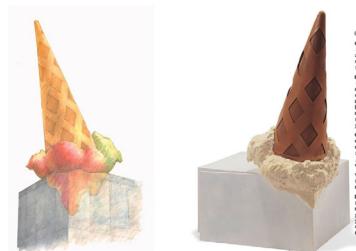
irá sempre escapar de qualquer definição que for atribuída a ele. Se alguém disser que ele parece satírico, no outro dia ele pode deixar de ser satírico. Ele pode se parecer como algo ordinário. Minha intenção é criar um objeto comum do dia a dia que iluda a definição. (OLDENBURG, 1963, p.12, tradução nossa)²

Entre os vários trabalhos de Oldenburg, um em particular me deixou com um “sorriso de orelha a orelha”. Uma escultura intitulada *“Dropped Cone”*, ou “Cone Derrubado” em tradução direta, comissionada pelos donos de uma galeria de três andares situada em uma movimentada esquina em *Neumarkt Square*, na cidade de Colônia, Alemanha. Realizada por Oldenburg e sua esposa, Coosje van Bruggen, o projeto propôs a construção e instalação de um imenso cone de sorvete virado ao contrário no topo do edifício, como se o mesmo tivesse caído ali por acidente. O desenvolvimento do projeto durou alguns anos, passando por desenhos, modelos menores e vários experimentos com argila até se alcançar o resultado final.



² What I want to do is to create an independent object which has its existence in a world outside of both the real world as we know it and the world of art. It's an independent thing which has its own power, just to sit there and remain something of a mystery. I don't want to prejudice the imagination. I want the imagination to come and make of it what it wants to make of it, but the object will always slip out of whatever definition it may be given. If someone says it looks satirical, the next day it may look very unsatirical. It may look like an ordinary thing. My intention is to make an everyday object that eludes definition.

Figura 1 - Desenho de apresentação do projeto para “Cone Derrubado”, 1998
Lápis, lápis colorido e pastel (esquerda)
Modelo de “Cone Derrubado”, 2000
Argila, madeira, papel e latex (direita)



Fonte: <http://oldenburgvanbruggen.com/largescaleprojects/droppedcone-04.htm>
<http://oldenburgvanbruggen.com/largescaleprojects/droppedcone-05.htm>

Para o casal de artistas, apesar do extremamente chamativo cone transformar a paisagem de um modo inusitado, a obra estabelece uma relação de proximidade com a arquitetura local, que é dominada por igrejas com enormes torres pontiagudas.

Com cerca de 12 metros de altura e um pouco menos de 6 metros de diâmetro, a escultura foi feita com aço galvanizado e inoxidável, madeira balsa e fibra reforçada de plástico pintada com gelcoat de modo a protegê-la e também criar uma superfície brilhante.

Diversos aspectos de *“Dropped Cone”* chamaram minha atenção. Talvez o mais importante,

dentre eles, seja a ludicidade da ideia e do processo, e também um certo atrevimento, ativando memórias da infância e alimentando a imaginação.

Figura 2 - *Dropped Cone*, 2001 - Claes Oldenburg e Coosje van Bruggen



Fonte: <http://oldenburgvanbruggen.com/largescaleprojects/droppedcone-06.htm>

2.2 Los Carpinteros

Fundado na cidade de Havana, capital de Cuba, em 1992, por Marco Antonio Castillo Valdes, Dagoberto Rodríguez Sánchez e Alexandre Jesús Arrechea Zambrano, três estudantes do Instituto Superior de Arte, o coletivo artístico *Los Carpinteros* tem conquistado, desde então, um lugar de destaque no cenário da arte contemporânea. Motivados pelo desejo em transformar o conceito de objetos ordinários em intrigantes esculturas, ressignificando-os, repensando suas funções primárias e criando uma reflexão que gira em torno da ambiguidade destes objetos, o grupo adotou o nome “*Los Carpinteros*” devido às similaridades que seus processos, práticas e produções compartilham com a de marceneiros, artesãos e trabalhadores manuais.

“Explorando a interseção entre arte e sociedade, os artistas misturam arquitetura, design e escultura de forma inesperada, distorcida e, frequentemente, bem humorada. Suas elegantes e irônicas esculturas, desenhos e instalações são inspiradas

pelo mundo físico, particularmente este relacionado a arquitetura e estruturas urbanas, mobílias e design de objetos, ferramentas e materiais de construção”. (ANKELE, 2010, p.7, tradução nossa)³

O coletivo passou por várias transformações desde o seu surgimento, no início dos anos 90. Em 2003, Alexandre Arrechea saiu do grupo em busca de uma carreira solo. Em seguida, os dois integrantes remanescentes do grupo, Marco Castillo e Dagoberto Rodríguez, mudaram para Madrid, Espanha, onde criaram um novo estúdio e começaram a participar de forma mais íntima da produção dos objetos.

“Nós fazemos por volta de 90% de nossos objetos aqui no estúdio. Nós contratamos pessoas, mas supervisionamos o processo. Em Cuba, nós vivíamos em um tipo de jarra de vidro onde precisávamos fabricar as coisas no Brasil e até termos a chance de ver o trabalho já era tarde demais, caso não gostássemos, então tínhamos que aceitar várias peças que não eram, realmente, nossa decisão. Em 2003-2004, decidimos que não iríamos mais

trabalhar em nada que não pudéssemos supervisionar ou intervir. Então, tem sido maravilhoso ter vindo aqui”. (SÁNCHEZ, 2015, on-line, tradução nossa)⁴

Com uma grande quantidade de trabalhos produzidos, a viabilidade e o tempo necessário para a produção dos objetos, apesar dos grandes desafios, não limitam as pulsantes ideias de novos projetos que vão se acumulando em forma de desenhos e detalhadas aquarelas que, assim como os objetos, ganham sua própria autonomia, sendo exibidas como obras finais e oferecem ao observador uma nova perspectiva do trabalho. Como dito por Marco Castillo em uma entrevista fornecida durante a exposição “*Silence Yor Eyes*”, realizada no *Kunstverein Hannover*, a produção do coletivo “[...] possui várias camadas, algumas vezes sensoriais e mais imediatas, que te fazem rir, outras vezes, sociais e políticas”. São trabalhos potentes,



que evidenciam, de forma irônica e bem humorada, as desigualdades sociais e econômicas presentes no modo de vida das pessoas na contemporaneidade.

Figura 3 - El Barrio, 2004 - Aquarela



Fonte: <https://www.philips.com/detail/LOS-CARPINTEROS/NY00961>

Figura 4 - El Barrio, 2007 - Papel cartão ondulado e velcro



Fonte: Cortesia Galeria Fortes Vilaça, São Paulo

3

DESENHO COMO MEIO



Ao longo do século XX, com o Modernismo, o desenho ganha “[...] status de linguagem autônoma, embora continue representando um espaço para pensar e projetar” livre “dos bastidores da obra, ganhando independência e tornando-se dela o protagonista.” (LIZÁRRAGA E PASSOS, 2007, p.67). Apesar dessa autonomia conquistada, ainda podemos ver sua presença atrelada aos esboços de pinturas, no planejamento de esculturas, nos *storyboards* de filmes, entre vários outros momentos e situações onde se faz necessário o uso de um meio rápido e prático para organizar as nebulosas ideias de dentro da “cachola”. Observando a variedade do uso do desenho por artistas, podemos dizer que o mesmo foi e ainda é frequentemente utilizado como uma das etapas do processo de outras expressões artísticas.



No caso da especificidade das artes visuais, os desenhos aparecem em cadernos e anotações de artistas, na maioria dos casos, como concretização do desenvolvimento de um pensamento marcadamente visual. O desenho de criação, nesses casos, age

como campo de investigação, ou seja, são registros da experimentação: hipóteses visuais são levantadas e vão sendo testadas, deixando transparecer a natureza indutiva da criação. Possibilidades de obras são testadas em esboços que são parte de um pensamento visual. (SALLES, 2007, p.37)

Ao tomarmos, por exemplo, as técnicas escultóricas utilizadas desde a antiguidade, ainda que o desenho tivesse um importante papel durante a produção da peça, ele ficava reduzido a apenas o inicio do processo.

Esculpir uma figura em tamanho natural num bloco de pedra não é tarefa simples, e qualquer tentativa assistemática de fazê-lo leva rapidamente ao desastre. Os gregos deviam ter consciência disso. Sabiam que os egípcios, muitos séculos antes, tinham inventado um método para esculpir figuras de pedra: desenhavam a figura que desejavam esculpir em três (ou quatro) faces de um bloco de pedra – vista frontal e de perfil. Depois, desbastavam de fora para dentro, gradualmente, na frente e nos lados, até atingirem a profundidade correspondente à figura. (WOODFORD, 1982, p.7)

Nessa perspectiva, dentre todas as formas onde o desenho se mostra um aliado conveniente, abordarei aquelas que,

na minha trajetória, se mostraram as mais persistentes.

Desde muito cedo ouvi dizer que a melhor forma de não esquecer uma ideia é escrevendo-a. A partir do momento em que colocamos o pensamento no papel, desenvolvê-lo se tornaria uma tarefa mais fácil. No meu caso, além de apenas escrever, comecei a desenhar, a realizar colagens e diversos outros experimentos com linhas, formas geométricas, tintas e fotografias para não esquecer as ideias. Utilizava cadernos como gavetas destinadas a guardar tudo aquilo que pudesse, um dia, se tornar material relevante em minhas produções.

Para melhor situar o próximo capítulo com relação aos trabalhos que o constituirão, apresentarei aqui um caderno de processo que, aos poucos, foi me ajudando no amadurecimento de várias ideias. Construído com materiais que já estavam à minha disposição, papel kraft serviu como capa e contracapa do caderno e o interior foi preenchido com folhas contendo velhos desenhos que estavam esquecidos no fundo escuro de uma caixa guardada em cima de um armário. Tudo foi costurado com barbante de cor marrom utilizando uma valiosa técnica aprendida em algum vídeo que encontrei pela internet.

Figura 5 - Caderno de processo fechado, 208



Fonte: Arquivo pessoal

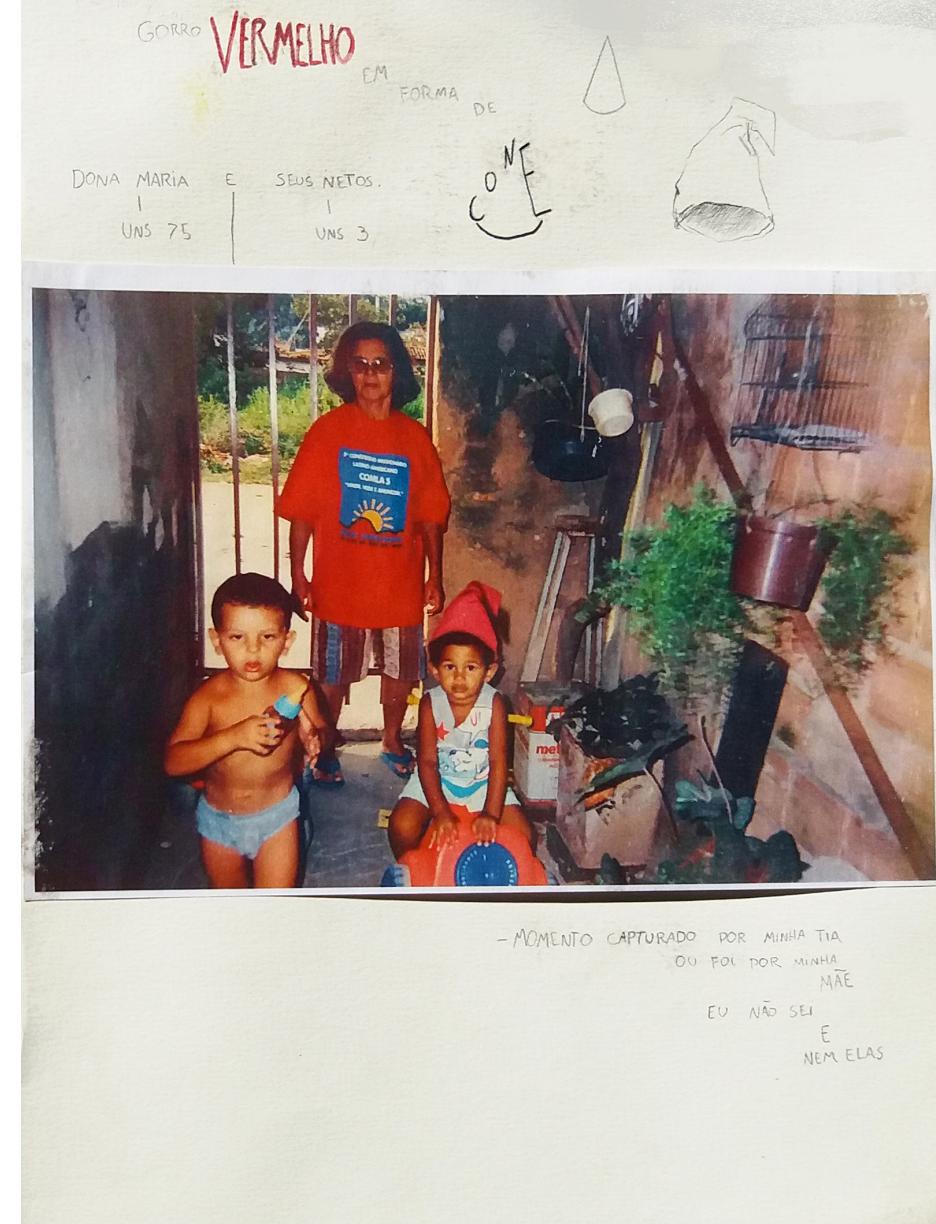


Figura 6 - Uma página do caderno de processo, 208

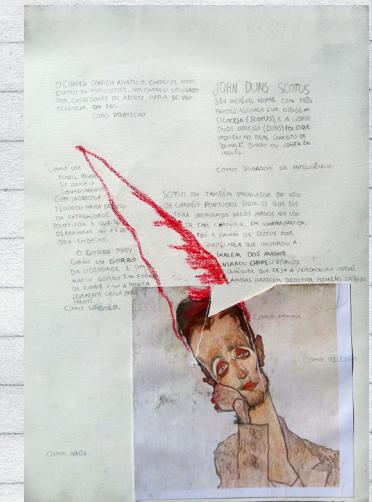
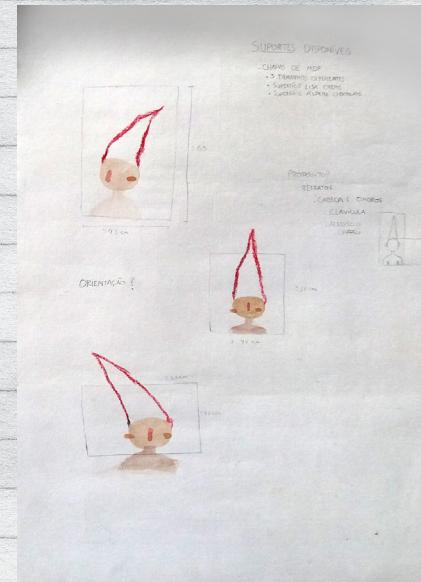
Fonte: Arquivo pessoal

Figura 7 - Páginas do caderno de processo. 208



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 8 - Páginas do caderno de processo, 2018



4

DESENHO PRESENTE



Finalmente chega a hora de apresentar minha produção artística a você, leitor. O que estará vendo a seguir é uma seleção de trabalhos que foram surgindo com base em memórias resgatadas a partir de fotos antigas de álbuns de família, dos meus desejos em ressignificar as coisas, do interesse em construir metáforas, de experimentar materialidades, de explorar novas formas de fazer e de brincar.

Além de descrever cada obra, também pretendo refletir sobre o ato de criação das mesmas, momento que me vem acompanhado de várias questões, que muitas vezes causam dúvidas e uma ansiedade sufocante.

Como escrito por Cibele Barbieri⁵ (2006), no artigo “Sobre a criação e o desejo”, segundo a resposta obtida ao questionar um pianista sobre o ato de criar:

“Ouvimos do artista que o que se passa ao nível do sujeito no ato de uma criação artística é um processo que envolve um grande sofrimento. Phill afirma que todo processo de criação é agressivo e que envolve um intenso e profundo sofrimento; o prazer não faz parte do momento da criação e nem

mesmo aparece muito bem demarcado. Só é cogitado no depois da criação, como algo externo, associado ao reconhecimento social. O que pode nos dizer é do impossível de se descrever o que é que se exterioriza além da própria angústia como inerente ao ato de criar.” (BARBIERI, 2006, v.7, p.13-19)

Para mim, apesar de todas as pontas quebradas, tintas derramadas, folhas amassadas, fotos mal tiradas e ideias não realizadas, quando paro para olhar para trás e vejo todo o trajeto que percorri até chegar até um trabalho, para chegar até aqui, só consigo pensar no tanto que é gratificante alcançar algo que tão intensamente almejamos.

4.1 Chapeuzinhos

Início este segmento falando de alguns trabalhos que apresentei na exposição “...parece que nunca chega”, organizada pelo professor Rodrigo Borges Coelho⁶, realizada no mezanino da reitoria da Universidade Federal de Minas Gerais. Esta

⁵ Psicanalista. Presidente do Círculo Psicanalítico da Bahia 2017/2018.

⁶ Professor da Universidade Federal de Minas Gerais - Departamento de Artes Plásticas e Pesquisador com produção em Ensino de Artes Visuais e Arte Educação.

exposição foi um marco importante para meu desenvolvimento como artista, motivando a busca pelo desconhecido e influenciando uma série de novos trabalhos.

"No exercício contínuo de criar, buscamos organizar perguntas que provocam tumultos. Esse exercício nunca parece chegar ao fim nem encontrar soluções exatas e duradouras. Assim, os atritos, desvios e irregularidades movem o processo criativo e o trabalho adiante, ao encontro de diferentes riscos" (COELHO, 2018)

Figura 9 - Cartaz da exposição "... parece que nunca chega", 2018.



Fonte: Acervo do autor

O primeiro trabalho, "Chapeuzinhos" é uma instalação constituída por vários cones de tamanhos diferentes, o menor tendo cerca de 3 centímetros e o maior 2 metros de altura, feitos de papel e pintados com tinta acrílica vermelha sobre uma base espessa de látex branco.

Figura 10 - Detalhe de "Chapeuzinhos", 2018.



Fonte: Arquivo pessoal

Os cones foram organizados em pequenos grupos sobre o chão de ladrilhos brancos do espaço expositivo (mezanino da reitoria) ocupando uma área de aproximadamente 6m².

Atrás da inusitada paisagem formada de cones vermelhos, também foram expostas, apoiadas e penduradas em amplos painéis brancos, quatro pinturas realizadas sobre chapas de mdf retiradas de um velho guarda-roupas de cor marfim.

Partindo da esquerda, após dançar entre os cones, por vezes esbarrando neles ou até mesmo os transformando em "panquecas ~~vermelhas~~ vermelhas", o determinado e destemido espectador conquista uma posição privilegiada com "Despachante".

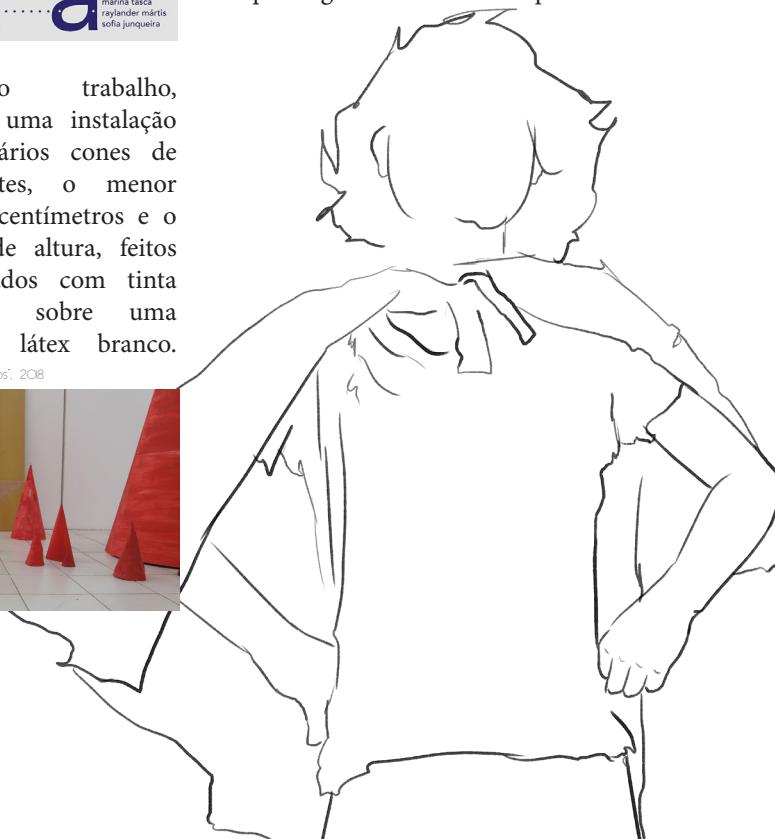


Figura 11 - Montagem vista de longe, 2018



Fonte: Arquivo pessoal



“Despachante” é uma pintura com cerca de 136x69cm, divididos em três chapas idênticas de mdf. Nela retrato, utilizando tinta acrílica e aquarela, a figura de uma pessoa em pé e descalça numa posição central da composição, trajando uma camisa social de cor azul-claro e shorts com um tom escuro de cinza. Além das roupas, a pessoa também utiliza um chapéu em formato cônico que foi executado através de linhas vermelhas e uma pequena sugestão de volume, estratégia usada de modo a evidenciar uma vontade em manter elementos típicos do desenho criando contraste com todo o resto.

A figura sem olhos, boca ou nariz, de alguma forma olha para frente, atenta. Em sua mão esquerda, segura um objeto, um aviôzinho de papel do qual planeja, a qualquer momento, enviá-lo ao seu destino.

Figura 12 -
Despachante, 2018
Aquarela e acrílica sobre MDF
136 x 69cm

Fonte: Arquivo pessoal

Se continuar por esse caminho o sabido espectador estará de frente a duas pinturas: falo de “Funil sugador de sapiência, lado A” e “Funil sugador de sapiência, lado B”, exibidas na exposição uma ao lado da outra.

Em ambas temos representações de pessoas de perfil. De um lado, uma moça de cabelos escuro, trajando uma simples blusa preta de alça fina que contrasta com sua pele pálida trabalhada em tons de magenta, branco e azul. Do outro lado, de camisa branca com mangas levemente dobradas, um jovem de pele construída em tons de marrom, vermelho e pequenas nuances de amarelo. Os dois usam longos e pontiagudos chapéus que são representados por linhas vermelhas feitas com giz e pastel oleoso.

Um mistério nesse encontro parece existir, causado tanto pela impossibilidade de uma troca de olhares entre as duas figuras, como pela posição rígida em que se encontram e que é reforçada pela composição e forma de montagem. Virados de costas um para o outro, temos aqui um diálogo a partir do silêncio.



Fonte: Arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal

Figuras 13 e 14 -
Funil sugador de sapiência (A) e (B). 2008
Aquarela, acrílica e pastel oleoso sobre MDF
64 x 44 cm (cada)

A última das pinturas que formam essa exposição e que mostro a seguir é “Um bom dia para usar o chapéu”.

Nesta obra, eu retrato uma pessoa em posição frontal e sem camisa, a face está incompleta, as sobrancelhas dão dicas da expressão facial. — Seria medo? Não! Provavelmente uma expressão de surpresa, causada pelo foguete que saiu voando loucamente de dentro do seu ouvido, rodeou seu longo chapéu pontiagudo e seguiu em direção ao espaço. Em primeiro plano, na parte inferior da composição, uma massa de tinta acrílica cor de rosa contornada por linhas pretas de pastel oleoso representa um delicioso bolo (de aniversário?). — É dia de festa. É um bom dia para usar o chapéu.

Figura 16 -

Um bom dia para usar o chapéu 2018
Aquarela, acrílica e pastel oleoso sobre MDF
64x44cm



Fonte: Arquivo pessoal

4.2 Passageiros

Algum tempo depois, ainda animado com a exposição realizada no mezanino da reitoria, comecei a pensar em outros desdobramentos para aqueles trabalhos. Mais uma vez, recorri ao desenho como um organizador de ideias.

Eu tinha em mente reutilizar os cones (pelo menos aqueles que resistiram às pisadas dos visitantes mais distraídos) como elementos de uma nova instalação. Não sabia como exatamente, mas era uma vontade que estava presente. Nos primeiros esboços, pensei em chapeuzinhos pendurados, chapeuzinhos furados e chapeuzinhos dentro de chapeuzinhos. Queria criar algo lúdico, estranho, que transmitisse uma sensação de movimento e que fosse capaz de transformar o ambiente em que estivesse inserido.

— Pernas! Eu disse para mim mesmo enquanto assistia um vídeo sobre construções primitivas.

— Sim...não...sim... por que não transformar um cone em um cone de pernas? Após alguns segundos tentando assimilar aquela ideia, finalmente havia me decidido.

A princípio, comecei a matutar sobre a parte técnica, coisas como: dimensões, materiais, limitações, transporte, durabilidade, etc. Aos poucos eu ia preenchendo folhas e mais folhas de papel com informações em forma de desenhos e textos.

Sem muito tempo, me via diante de um desafio! Utilizando materiais de fácil acesso, como eu produziria pernas resistentes o suficiente para suportar o peso do cone que, apesar de ser feito de papel, não era tão leve?

Após algumas tentativas sem sucesso, alcancei um resultado interessante ao tentar fazer um tipo de esqueleto utilizando gesso e arame. Este serviu de fundação para posteriormente ser envolvido de papel, criando um volume, semelhante ao de um par de pernas. Com as pernas prontas, finalmente havia chegado o momento de realizar a “cirurgia”...



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 16 - Pernas do cone em processo, 2009



E assim nasceu o “Cone de Pernas”, medindo cerca de 1,80 metros e pesando um pouco menos de 4 quilos.

Figura 17 - Cone de pernas, 2009

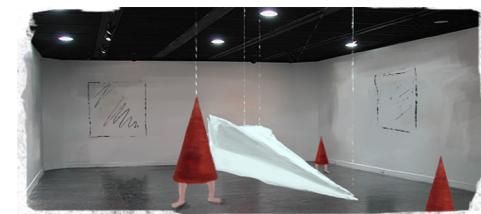


Fonte: Arquivo pessoal

como o aviôzinho de papel, porém, agora não apenas no bidimensional, mas também no tridimensional.

Tendo isso em mente, me surgiu a ideia para “Passageiros”, um projeto que consistiria em um instalação composta por “Cones de Pernas” rodeando um enorme avião de papel suspenso por linhas de nylon. Além das esculturas, estariam expostas, nas paredes, pinturas e desenhos criando uma rica e divertida relação entre bidimensional e tridimensional.

Figura 18 - Projeto de instalação “Passageiros”, 2009



Fonte: Arquivo pessoal

É! tudo parecia muito incrível no papel. Eu já estava imaginando o espaço expositivo, uma sala ampla e bem iluminada. O avião exatamente no centro, em posição de destaque. Os “Cones de Pernas”? Seriam vários, de diferentes dimensões e poses, talvez alguns ganhassem até braços! Mas infelizmente as coisas nem sempre saem como o planejado...

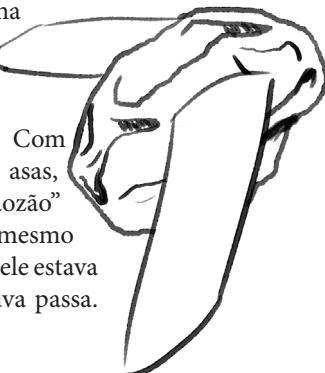
Agora, olhando para trás, acredito que a escolha por certos materiais acabou resultando em alguns problemas técnicos, coisas que me levaram a perder

um tempo tremendo tentando resolver. Devido a fragilidade de algumas peças, precisei ter cuidados extras, principalmente durante o transporte, onde as chances de quebrar alguma coisa, e eu perder dias de trabalho, eram enormes.

A ideia inicial, como já mencionada, era dar pernas para vários cones. Contudo, a produção das pernas levou um tempo maior do que eu havia imaginado e, como eu ainda tinha o "aviãozão" de papel para fazer, tive que me contentar com apenas um "Cone de Pernas". Uma nova exposição estava prestes a acontecer e eu precisava finalizar tudo a tempo.

Decidi dedicar o tempo restante para o desenvolvimento do avião. Utilizei um papel branco com uma gramatura mais elevada, pensando que seria o suficiente para manter o avião suspenso sem que ele se deformasse. No começo, até parecia que estava dando tudo certo. Conseguia terminar o avião com tempo de folga e, enquanto parado, ele se manteve em forma consideravelmente bem.

No entanto, foi impossível não ficar brincando com um baita avião daqueles. Com isso, inevitavelmente, as asas, o bico e a cauda do "aviãozão" foram amassando e antes mesmo do dia da exposição chegar, ele estava com a aparência de uma uva passa.



Por fim, tive que correr novamente para tentar deixá-lo o mais agradável possível para o grande dia.

Então, finalmente chegou o momento da montagem. Lá estava eu, achando que não teria que resolver mais nenhum problema. Lembra daquela sala espaçosa e bem iluminada que eu havia imaginado? Pois é, foi trocada por um corredor estreito e escuro.

Eu disse antes, que as coisas infelizmente nem sempre acontecem como planejamos, mas pensando bem... ainda bem! O inesperado torna o processo mais divertido e prazeroso; uma sensação semelhante a de uma criança que abre um brinquedo novo para montá-lo, peça por peça e, depois de alguns dias esquecê-lo, partindo para outra. É como alguém disse um dia: "às vezes o caminho percorrido é até mais interessante que o destino final".

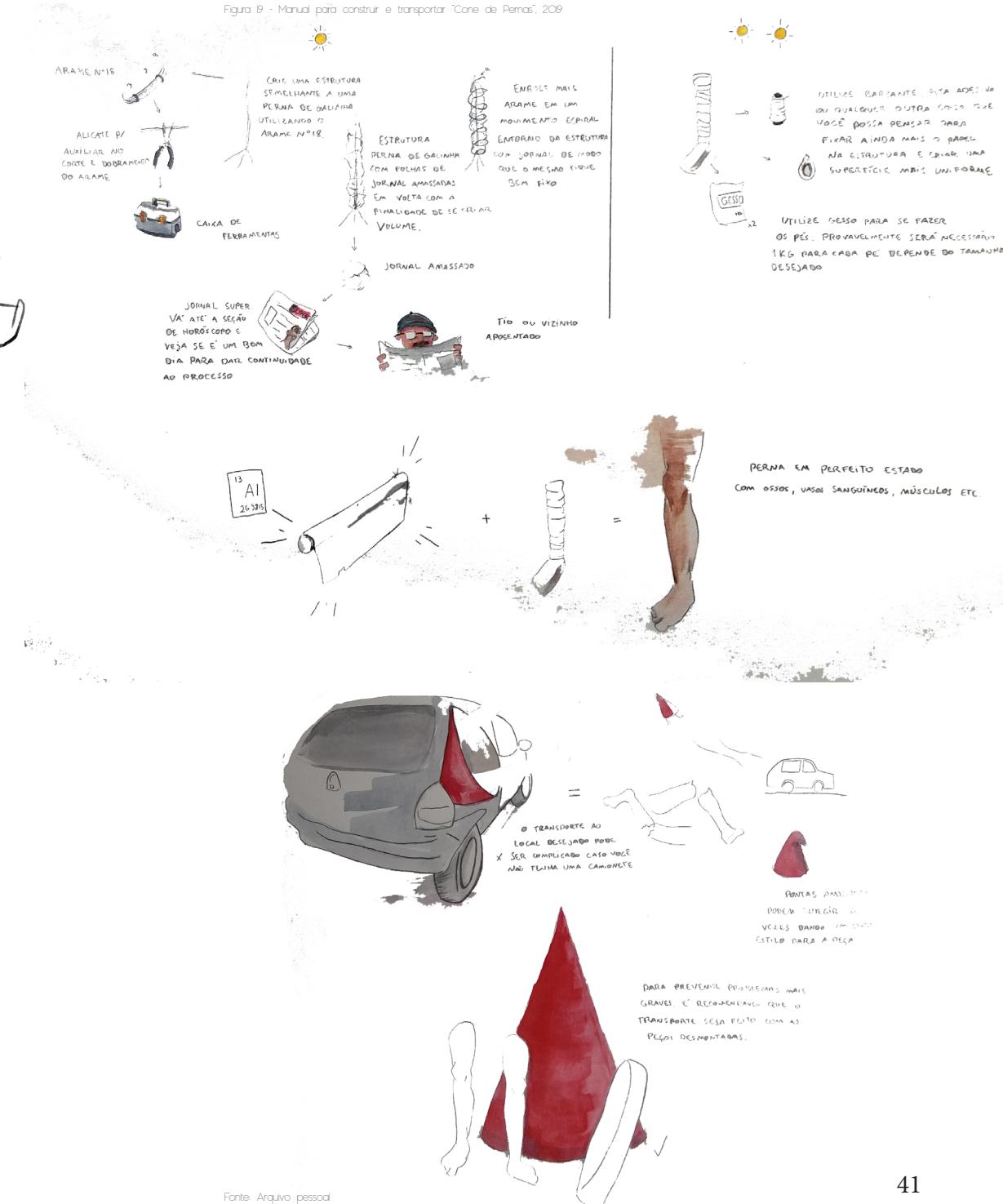
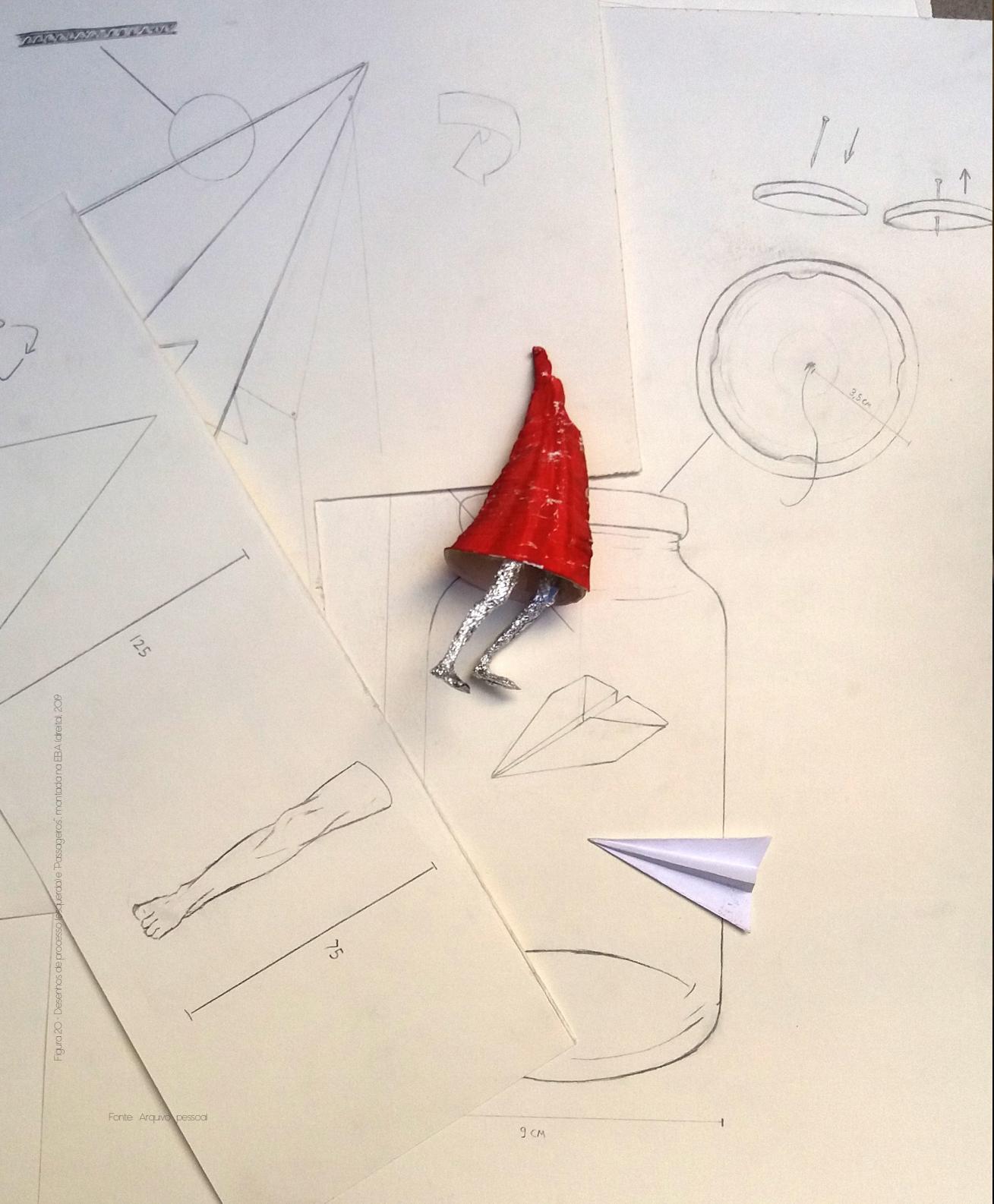


Figura 20 - Desenho do processo de montagem Passageiros, montado na EBA (direita), 2009



Fonte: Arquivo pessoal



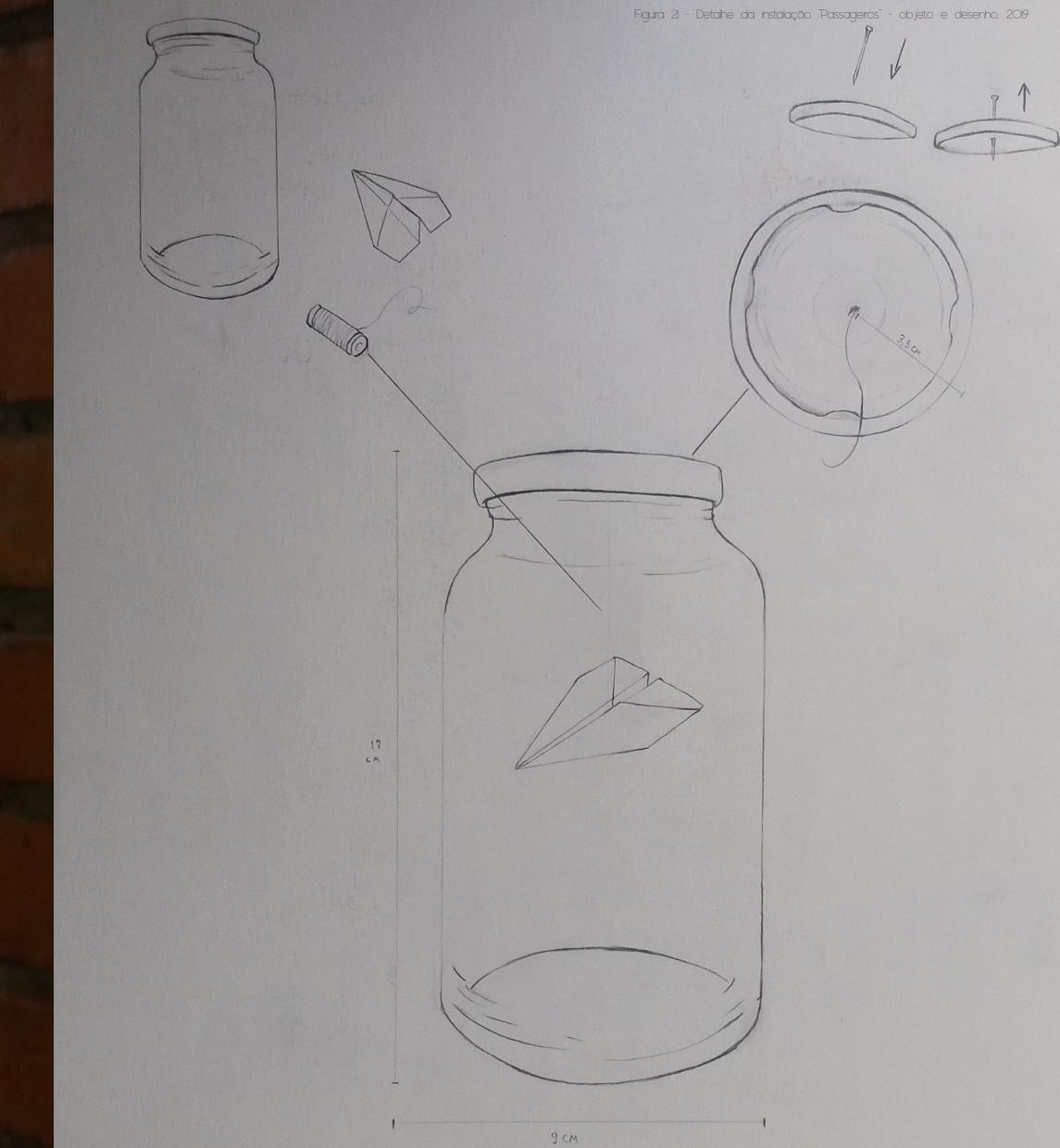


Figura 21 - Detalhe da instalação 'Passageiros' - objeto e desenho, 2019

5

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Antes mesmo de tentar escrever qualquer coisa, quando comecei a pensar sobre o que eu iria apresentar como trabalho de conclusão de curso, me surgiram várias dúvidas. Por mais que eu tentasse focar em algum tema que pudesse dar início à elaboração de um texto, meus pensamentos estavam tomados por situações hipotéticas das quais o final era sempre assustador. Imaginava que eu não conseguiria terminar a tempo, que alguma coisa poderia dar errado na hora da impressão, ou até mesmo coisas absurdas, como a possibilidade de chegar atrasado no dia da apresentação por causa de uma árvore que havia caído no meio da rua. Aos poucos fui percebendo que, embora tudo aquilo pudesse, de fato, acontecer, de nada valia sofrer antecipadamente.

Após dias e mais dias sem conseguir desenvolver um parágrafo sequer, resolvi abordar o TCC com uma nova estratégia, como se ele fosse um desenho que se inicia a partir de um simples ponto, passa a ser linha e, devagarzinho, vai

ganhando forma. O primeiro passo foi reunir vários de meus trabalhos em uma mesma sala e dedicar um momento para olhar para eles, algo que eu não fazia há algum tempo. Através deste exercício de análise (e também de autoanálise), procurando estabelecer um ponto de partida, consegui destacar alguns elementos em relação a minha produção que senti vontade de investigar mais a fundo.

Naquele momento pude perceber, antes de tudo, a variação de meios pelos quais eu transitava. Eram desenhos, pinturas, esculturas e coisas que eu nem sabia como categorizar e, pensando bem, nem tinha vontade.

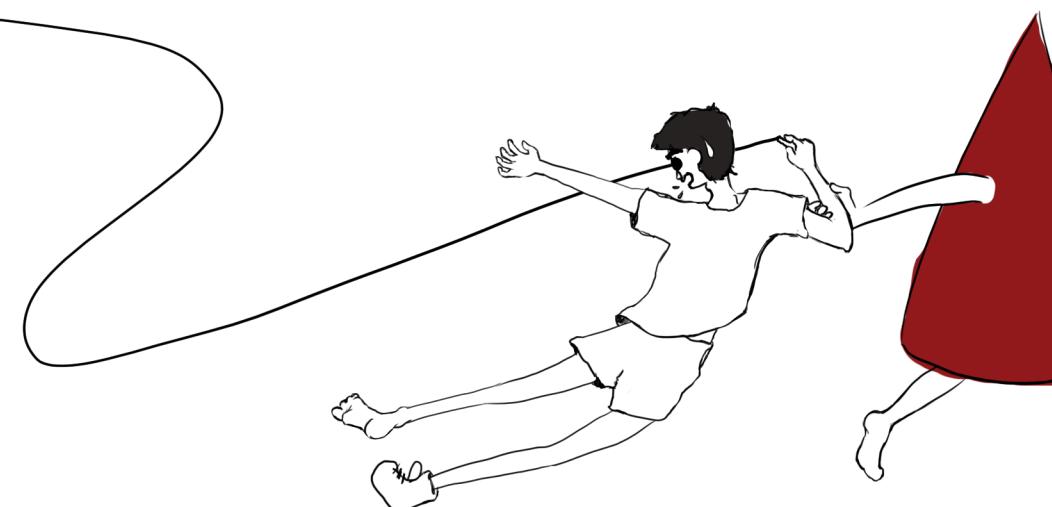
Outro ponto que também me despertou um certo interesse, motivando uma busca por referências, assim como acabou servindo de inspiração para a escolha do título deste trabalho, foi a presença que o desenho tinha em toda a minha produção. De maneiras diferentes, em momentos diferentes, em níveis de intensidade diferentes, mas sempre ali, presente.

Acredito que através das

informações e experiências apresentadas no decorrer deste texto, consegui alcançar meus objetivos iniciais de compreender melhor, tanto minha produção quanto meu processo artístico. Referências como Claes Oldenburg e o coletivo Los Carpinteros, reforçaram a ideia de que não precisamos ficar limitados a apenas um tipo de meio artístico e de que o bom humor pode se tornar um instrumento poderoso para conseguirmos ressoar nossas ideias e atingir, positivamente, o maior número possível de pessoas.

Quando comecei a escrever as primeiras páginas deste trabalho, ainda tendo um longo caminho a percorrer, constantemente passava pela minha cabeça o dia em que eu fosse escrever a tão desejada “Considerações Finais”, imaginava que seria o capítulo mais prazeroso e fácil de desenvolver, que eu estaria bem perto de finalmente terminar aquela longa jornada. Acontece que eu nunca fui muito bom com conclusões, finalizações, despedidas e afins. Eu fico ansioso,

nunca sei a hora certa de termin



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANKELE, Gudrun; ZYMAN, Daniela. **Los Carpinteros: Handwork : Constructing the World.** Colônia: Thyssen-Bornemisza Art Contemporary, 2010.

CELANT, Germano; KOEPLIN, Dieter; ROSENTHAL, Mark. **Claes Oldenburg: An Anthology 2nd Edition.** Nova Iorque: Guggenheim Museum Pubns; 2 edition, 1995.

DERDYK, Edith. **Formas de Pensar o Desenho. Desenvolvimento do Grafismo Infantil. 3a edição.** São Paulo: Scipione, 1989.

LIZÁRRAGA, Antonio; PASSOS, Maria José Spiteri Tavolaro. **Havia uma linha esperando por mim: conversas com Lizárraga.** In: DERDICK, Edith. (org). **Desegno. Desenho. Designio.** Senac: São Paulo, 2007. p.65-79

SALLES, Cecília Almeida. **Desenhos da Criação.** In: DERDYK, Edith. (org). **Desegno. Desenho. Designio.** Senac: São Paulo, 2007. p.311

WOODFORD, Susan. **Grécia e Roma.** Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

REFERÊNCIAS DIGITAIS

BARBIERI, Cibele Prado. **Sobre a criação e o desejo. Cogito.** Salvador, v. 7, p. 13-19, 2006. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792006000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 18 out. 2019.

ELEPHANT.art- Los Carpinteros. 2015. Disponível em: <<https://elephant.art/los-carpinteros/>>. Acesso em: 8 out. 2019.

OLDENBURG, Claes; BRUGGEN, Coosje van. **Claes Oldenburg & Coosje van Bruggen: Exhibitions & Projects.** Disponível em: <<http://oldenburgvanbruggen.com/largescaleprojects/droppedcone.htm>>. Acesso em: 5 out. 2019.

The Editors of Encyclopaedia Britannica. **Claes Oldenburg | American artist | Britannica.com.** Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Claes-Oldenburg/>>. Acesso em: 5 out. 2019.

